

RELATOS DE VIKTOR FRANKL SOBRE LIBERDADE EM CONDIÇÕES DE APRISIONAMENTO

VIKTOR FRANKL'S ACCOUNTS OF FREEDOM UNDER CONDITIONS OF IMPRISONMENT

RELATOS DE VIKTOR FRANKL SOBRE LA LIBERTAD EN CONDICIONES DE PRISIÓN



Diego Moraes Batista¹



Victor Augusto Cavaleiro Correra²

1. Psicólogo. Doutorando em Psicologia, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0452-5109?lang=pt>, <http://lattes.cnpq.br/9342261416364841>. E-mail: batistamdiego32@gmail.com.
2. Terapeuta Ocupacional. Doutor em Doenças Tropicais pelo Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará. Docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional / Instituto de Ciências da Saúde/Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0133-7927>, <http://lattes.cnpq.br/1910742195880054>. E-mail: victorcavaleiro@gmail.com

RESUMO: Viktor Frankl foi prisioneiro nos campos de concentração, onde viveu toda a sorte de infortúnios. Face às suas experiências, este estudo tem por objetivo compreender os seus relatos sobre liberdade, no tocante às vivências psicológicas, narradas em seu livro *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração. Para esta finalidade, optou-se por uma metodologia de pesquisa narrativa, apropriada para investigar histórias vivenciadas, memórias, escolhas de vida e narrativas autobiográficas. Ao final da busca, obtivemos 65 palavras relativas ao universo semântico do descritor liberdade e um total de 39 referências textuais. Em todo o livro, o descritor liberdade foi mencionado pelo autor 13 vezes. Os eixos temáticos elencados para a discussão dos dados foram: liberdade enquanto condição antropológica; libertação como anseio psicológico e a liberdade de atitude e livre decisão. A vida no campo de concentração, apesar da deformação da personalidade pela qual passaram os que lá viveram, tem a liberdade humana, espiritual ou de decisão como a chave de leitura para compreender o que se sucedeu como atitude e comportamento humano dos prisioneiros.

Palavras-chave: Liberdade Humana; Liberdade Espiritual; Livre Decisão; Atitude Livre; Libertação.

ABSTRACT: Viktor Frankl was a prisoner in concentration camps, where he experienced all sorts of misfortunes. In light of his experiences, this study aims to understand his accounts of freedom, specifically regarding psychological experiences, as narrated in his book *Man's Search for Meaning: A Psychologist in a Concentration Camp*. To this end, a narrative research methodology was chosen, appropriate for investigating lived experiences, memories, life choices, and autobiographical narratives. At the end of the search, we obtained 65 words related to the semantic universe of the descriptor "freedom" and a total of 39 textual references. Throughout the book, the descriptor "freedom" was mentioned by the author 13 times. The thematic axes listed for the discussion of the data were: freedom as an anthropological condition; liberation as a psychological yearning; and freedom of attitude and free decision. Life in the concentration camp, despite the personality deformation suffered by those who lived there, has human, spiritual, or decisional freedom as the key to understanding what transpired in terms of the prisoners' attitudes and behavior.

Keywords: Human Freedom; Spiritual Freedom; Free Choice; Free Attitude; Liberation.

RESUMEN: Viktor Frankl estuvo prisionero en campos de concentración, donde experimentó todo tipo de infortúnios. A la luz de sus experiencias, este estudio busca comprender sus relatos de libertad, específicamente en lo que respecta a las experiencias psicológicas, tal como se narran en su libro *El hombre en busca de sentido*: Un psicólogo en un campo de concentración. Para ello, se optó por una metodología de investigación narrativa, apropiada para investigar experiencias vividas, recuerdos, decisiones vitales y narrativas autobiográficas. Al final de la búsqueda, se obtuvieron 65 palabras relacionadas con el universo semántico del descriptor "libertad" y un total de 39 referencias textuales. A lo largo del libro, el descriptor "libertad" fue mencionado por el autor 13 veces. Los ejes temáticos para la discusión de los datos fueron: la libertad como condición antropológica; la liberación como anhelo psicológico; y la libertad de actitud y de decisión. La vida en el campo de concentración, a pesar de la deformación de la personalidad que sufrieron quienes allí vivieron, tiene la libertad humana, espiritual o de decisión como clave para comprender lo que ocurrió en cuanto a las actitudes y el comportamiento de los prisioneros.

Palabras-clave: Libertad humana; Libertad espiritual; Libre elección; Actitud libre; Liberación.

Recebido em: 02/01/2026

Aprovado em: 23/02/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Viktor Frankl, médico psiquiatra e fundador da Logoterapia, foi o prisioneiro de número 119.104 em campos de concentração nazista (2008). Como prisioneiro, foi levado para *Theresienstadt*, *Kauferin*, *Türkheim* e *Auschwitz*. As histórias sobre as suas vivências a respeito da liberdade iniciaram antes do seu aprisionamento e deportação. Com o avanço das forças nazistas sobre a Áustria, o clima estava insustentável para os judeus, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (Consentino; Massimi, 2012). Foi quando ele obteve o visto individual para refugiar-se nos Estados Unidos da América, mas, diante do quarto mandamento do decálogo judaico, cuja legislação afirma para honrar pai e mãe, o médico psiquiatra decidiu permanecer com seus pais, cujo destino era sabido: “a deportação e o campo de concentração” (Frankl, 2010, p. 99).

Já nos campos de concentração, teve que aprender a conviver com toda sorte de privações e ameaças a sua integridade física, psicológica e social. Foi impedido de exercer a sua profissão. Sua liberdade exterior foi cerceada, tendo que sair de sua pátria. Foi privado da convivência com a sua amada esposa, com os seus pais e irmãos. Foi submetido a um poderoso sistema de deformação da personalidade, pautado na violência, agressividade, insultos, humilhações, escárnios, privação de alimentação, trabalhos forçados análogos à escravidão, adoecimento, experiência de morte constante e toda a sorte de infortúnios (Frankl, 2008).

Face a este cenário, os efeitos psicofísicos nos prisioneiros foram devastadores, sem considerar os milhares de mortos. Diante do aprisionamento do corpo e do potencial condicionamento que estes ambientes exercem sobre o ser humano, restou-nos perguntar, se ainda é possível falar em liberdade em ambiente de aprisionamento e condicionamento aparentemente total? Assim posto, objetivamos compreender as vivências de liberdade, através das narrativas de Viktor Frankl, descritas em seu livro *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração?* (2008), no tocante às perspectivas psicológicas.

A escolha por este livro se deu pelo fato dele ser narrativo, de autorrelato, descritivo, com tonalidade confessional e reflexiva. É todo voltado para contar as suas vivências e a de outros companheiros aprisionados no campo de concentração, ao menos a primeira parte do livro. O livro desvela com precisão e acuidade o mundo interno dos prisioneiros, assim como os impactos psicológicos vividos. Do mesmo modo que impressiona pela descrição dos tipos humanos, quanto ao aspecto negativo da perversidade, tanto quanto aos aspectos beatíficos da bondade. E proporciona uma leitura facilmente entendível.

Procedimento Metodológico

Para atender ao objetivo desta pesquisa, elegemos a pesquisa qualitativa, com metodologia para a coleta de dados segundo a estratégia de pesquisa narrativa, apropriada para investigar histórias vivenciadas, memórias, escolhas de vida, os valores e narrativas autobiográficas contadas pelos próprios sujeitos interrogados. Esta estratégia contribui para ampliar o conhecimento sobre um fenômeno pesquisado e compreender os sentidos atribuídos às vivências narradas (Reisdoefer; Lima, 2021; Bregalda, 2022).

A palavra liberdade foi a isca de pesca, pois, é entorno desta palavra que está a vivência e os sentidos que interessa à pesquisa, “pois através da palavra pode-se abordar ou encontrar a experiência, a existência, o ser-aí, o ser-com” (Dutra, 2002, p. 373). Para tanto, interessou-nos saber se o termo escolhido estava indexado em bancos de dados padronizados em produção científica (Bello; Pizzani; Hayashi, 2010), como

nos Descritores em Ciências da Saúde, DeCS/MeSH, que facilite este trabalho ser mais rápido encontrado, em busca eletrônica, por este descritor.

Realizou-se a busca no DeCS/MeSH utilizando a palavra *liberdade*, obtendo a quantidade de nove definições: *Liberdade*: libertarianismo, libertarismo; *Liberdade Assistida*, *Liberdade de Religião*, *Prisioneiros*, *Socioeducação*, *Direito Cultural*: liberdade cultural; *Liberdade de Circulação*, *Acesso à Informação*, *Legislação Referente à Liberdade de Escolha do Paciente*. Todavia, nenhuma se referiu ao campo da psicologia. O que mais se aproximou da finalidade desta pesquisa foi a definição: “Pessoas privadas de Liberdade”, pertencente ao termo alternativo do descritor *Prisioneiro*. Muito embora a pesquisa busque relatos de Frankl, quando esteve prisioneiro nos campos de concentração, não nos pareceu oportuno o descritor, visto que o aprisionamento é um fator condicionante à pessoa Viktor Frankl, pois o que desejamos compreender foi o que é narrado, os significados e as vivências de liberdade nas condições de aprisionamento. Portanto, utilizou-se nesta pesquisa apenas o descritor: *Liberdade*.

Os critérios de inclusão adotados, foram: todos os trechos narrados onde a palavra liberdade referia-se aos fenômenos, sintomas ou aspectos psicológicos e espiritual. E como critério de exclusão, foram adotados os seguintes: a segunda parte do livro, onde estão os conceitos fundamentais da logoterapia, pois o objetivo está nas vivências e nos relatos autobiográficos, como também, outras terminologias e palavras derivadas de liberdade, mas que não correspondam à experiência psicológica e espiritual dos prisioneiros.

A pesquisa narrativa pode ser definida em três perspectivas: 1ª) como forma metodológica de investigação, 2ª) os fenômenos investigados como os *relatos*, *as histórias*, *a narrativa* e, por fim, 3ª) análise da investigação narrativa, que pode ser binocular: a análise pragmática e a análise narrativa, todavia, ambas podem complementar-se e conjugar procedimentos das duas formas de análise, como, por exemplo: recortar, agrupar conceitos em categorias (análise pragmática), combinar os dados e buscar revelar a especificidade de cada dado (análise narrativa) (Reisdoefer; Lima, 2021).

No presente estudo, a aplicabilidade deste método está direcionada para os autorrelatos de Frankl escritos no livro *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*, em sua 25ª edição (2008), onde narra as suas vivências como prisioneiro nos campos de concentração. A investigação se limita à primeira parte do livro, que está estruturada em três subdivisões: 1ª) A primeira fase refere-se à chegada ao campo, a recepção e a adaptação; 2ª) a segunda fase é referente à vida em si no campo e todos os processos psicológicos desencadeados no prisioneiro médio; e, por fim, 3ª) a terceira fase é a fase da libertação.

As etapas para a coleta dos dados foram: pergunta aberta feita ao autor do texto: O que narra Viktor Frankl sobre Liberdade em suas vivências descritas em seu livro *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*?; leitura da primeira parte do livro para a captura dos relatos que possam responder à pergunta disparadora, separação dos textos em pequenas histórias ou relatos em torno da temática pesquisadas: crônica (Reisdoefer; Lima, 2021); e tratamento: análise e separação temática, leitura-releitura e interpretação. Realizou-se a leitura integral da Obra para identificar os enunciados, narrativas ou palavras-chaves relativas às vivências de liberdade e coletá-las em uma planilha à parte.

Resultados

Foi realizada leitura e releitura completa da primeira parte do livro, para extrair em uma planilha à parte, os parágrafos que continham o descritor da busca. Foi realizado também releituras para conferências dos dados. Ao final, obtivemos 65 palavras relativas ao universo semântico do descritor liberdade, em um total de 39 referências textuais.

As palavras e suas variações terminológicas e semânticas somam 12 grandes crônicas ou eixos temáticos que, no quadro a seguir, estão apresentadas juntamente com suas respectivas frequências textuais:

Quadro1. Resultado da pesquisa: descrição das terminologias e suas frequências encontradas no texto.

Crônicas	Frequência
<i>Libertação</i>	14
<i>Livre</i>	11
<i>Libertos(as)</i>	7
<i>Liberdade</i>	13
<i>Libertados</i>	4
<i>Liberdade interior</i>	4
<i>Liberdade Espiritual</i>	4
<i>Livre decisão</i>	1
<i>Liberdade humana</i>	2
<i>Atitude livre</i>	1
<i>Recém-libertos</i>	3
<i>Livremente</i>	1
Total	65

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Em seus relatos, muitos foram os contextos, os significados e as intenções com os quais Frankl dispôs da palavra liberdade e suas derivações para significar as suas experiências; todavia, para atender aos objetivos da pesquisa e submeter os achados aos critérios de inclusão e exclusão, os temas selecionados para análise e posterior discussão, dizem respeito aos significados atribuídos à liberdade enquanto condição ontológica, no sentido de *liberdade interior*, *liberdade humana*, *liberdade espiritual*; *libertação* como anseio psíquico, o sonho de ser liberto, a deformação psicológica como efeito de uma libertação repentina e a condição social de estar livre do aprisionamento do campo; e a liberdade no tocante à atitude: *atitude livre* ou *livre decisão*.

Foram excluídos os termos e os parágrafos que significaram liberdade como uma fase do campo, no sentido pós aprisionamento, mas que não narravam as atitudes psicológicas neste contexto; título de capítulo; liberdade enquanto espaço físico; libertação enquanto ação das forças armadas que os libertaram da prisão, o livre curso do destino que não depende da atitude pessoal e liberdade em tonalidade poética ao descrever os pássaros que voam livremente no ar livre (Frankl, 2008).

No quadro a seguir, estão dispostos os textos selecionados para análise e discussão:

Quadro2. – Resultados selecionados: Textos das narrativas de Frankl selecionadas para análise e discussão, retiradas da obra FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 25ª. ed. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

“Pois justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior” (Frankl, 2008, p. 53).
“A pessoa que estiver no campo de concentração e não resistir a essa sugestão com um impulso último do sentimento de valor próprio acaba perdendo a sensação de ser ainda um sujeito, ou se quer um ente espiritual dotado de liberdade interior e valor próprio” (Frankl, 2008, p. 69).
“Logo agora, quando eu já estava antegozando a liberdade, pela primeira vez, depois de três anos, iríamos ao encontro da frente de batalha” (Frankl, 2008, p. 81).
“Assim passa este dia, o último em nosso campo, na vivência de uma liberdade interiormente antecipada. Porém, a nossa expectativa falhou num ponto” (Frankl, 2008, p. 82).

“‘Onde fica a liberdade humana?’ Não haveria ali um mínimo de liberdade espiritual no comportamento, na atitude frente às condições ambientais ali encontradas?” (Frankl, 2008, p. 87).
“Há suficientes exemplos, muitos deles heroicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritabilidade; e continuar existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo nessa situação de coação aparentemente absoluta, tanto exterior como interior. (...) No campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições de assumir uma atitude alternativa frente às condições dada. A cada dia, a cada hora no campo de concentração, havia milhares de oportunidades de concretizar essa decisão interior, uma decisão da pessoa contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçavam privá-la daquilo que é a sua característica mais intrínseca – a sua liberdade – e que a induzem, com a renúncia à liberdade e à dignidade, a virar mero brinquedo e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar um prisioneiro ‘típico’ do campo de concentração” (Frankl, 2008, p. 88).
“Dostoiévsky afirmou certa vez: ‘Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento’. Essas palavras ficavam passando, muitas vezes, pela cabeça da gente quando se ficava conhecendo aquelas pessoas tipo mártir, cujo comportamento no campo de concentração, cujo sofrimento e morte testemunham essa liberdade interior última do ser humano, a qual não se pode perder. Sem dúvida, elas poderiam dizer que foram ‘dignas dos seus tormentos’. Elas provaram que, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar; permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido” (Frankl, 2008, p. 89).
“Ninguém pense que essas reflexões estão distantes da realidade da vida e do mundo. Sem dúvida, poucas e raras são as pessoas capazes e à altura dessa elevada proposta. Pois pouco foram os que no campo de concentração mantiveram sua plena liberdade interior e puderam alçar-se à realização daqueles valores possibilitada pelo sofrimento” (Frankl, 2008, p. 91).
“Dissemos acima que a razão última para a deformação da realidade vital interior da pessoa no campo de concentração não está nas causas psicofísicas enumeradas, no fato de se originar, em última análise, numa livre decisão” (Frankl, 2008, p. 93).
“Os relatos e as descrições de casos vividos por ex-prisioneiros concordam em que o mais deprimente era o fato de o recluso geralmente nunca saber quanto tempo ele ainda teria que passar no campo de concentração. Ele não conhece o prazo para a libertação! (...) Da nossa parte precisamos complementar essa caracterização dizendo que a existência do prisioneiro em campo de concentração pode ser definida como ‘provisória sem prazo’” (Frankl, 2008, p. 93).
“‘Ei, doutor, gostaria de lhe contar uma coisa. Há pouco tempo, tive um sonho curioso. Uma voz me disse o que gostaria de saber e ela me responderia qualquer coisa. Há pouco tempo, tive um sonho curioso. Uma voz me disse que eu poderia expressar um desejo, que poderia dizer o que gostaria de saber e ela me responderia qualquer pergunta. Sabe o que eu perguntei? Quero saber quando a guerra terminará para mim. Sabe o que quero dizer: para mim! Isto é, queria saber quando seremos libertos do nosso campo de concentração, ou seja, quando terminarão nossos sofrimentos’. (...) ‘E o que te disse então a voz em sonho?’ (...) Bem baixinho, me segredou: ‘Em trinta de março...’” (Frankl, 2008, p. 99).
“Mas a data profetizada se aproximava cada vez mais e as notícias sobre a situação militar, na medida em que penetrava o nosso campo, faziam parecer cada vez menos provável que a frente de batalha, de fato, nos trouxesse a liberdade ainda no mês de março” (Frankl, 2008, p. 99).
“Quem conhece as estreitas relações existentes entre o estado emocional de uma pessoa e as condições de imunidade do organismo, compreenderá os efeitos fatais que poderá ter a súbita entrega ao desespero e ao desânimo. Em última análise, meu companheiro foi vitimado porque sua profunda decepção pelo não-cumprimento da libertação pontualmente esperada reduziu drasticamente a capacidade imunológica de seu organismo contra a infecção de tifo exantemático já latente” (Frankl, 2008, p. 100).
“Antes de nos voltarmos à terceira fase de reações psíquicas do recluso, ou seja, à psicologia do recém-liberto do campo de concentração” (Frankl, 2008, p. 109).
“Dada a natureza do assunto, a descrição da experiência de libertação já não poderá ser impessoal” (Frankl, 2008, p. 113).
“Queremos ver pela primeira vez os arredores dos campos de concentração, ou melhor, vê-los pela primeira vez como pessoas livres. Damos os primeiros passos em direção à natureza e entramos para a liberdade. ‘Para a liberdade’, vamos dizendo, e o repetimos várias vezes em pensamento; mas simplesmente não se consegue apreendê-lo. Em tantos anos de sonhos e de saudade, o termo liberdade fica muito gasto. Seu conceito perdera os contornos” (Frankl, 2008, p. 113-114).
“Sob o ponto de vista psicológico, pode-se chamar de verdadeira despersonalização aquilo que os companheiros libertos experimentaram. Tudo parece irreal e improvável. (...) Quantas vezes sonhamos que viria este dia em que nos poderíamos movimentar livremente? (...) Sempre havia três silvos estridentes ferindo o ouvido, dando o comando de ‘levanta’, arrancando a gente do sonho, da libertação, e como mero sonho se revelava pela enésima vez. E agora deveríamos acreditar, de uma hora para a outra? Agora essa liberdade seria realidade verdadeira?” (Frankl, 2008, p. 114-115).
“Paras olhas ao redor e olhas para o alto – e te prostras de joelhos. (...) Dentro de ti apenas ouves as palavras, e sempre as mesmas palavras: ‘Na angústia gritei para o Senhor, e ele me respondeu no espaço livre’” (Frankl, 2008, p. 115).
“O caminho de volta dessa guerra de nervos para a paz da alma, não é, de forma alguma, livre de empecilhos. Está enganado quem acreditar que o recém-liberto do campo de concentração dispensa qualquer assistência psicológica. (...) É preciso considerar que uma pessoa que esteve sob a incrível tensão psicológica de um campo de concentração por tempo prolongado,

mesmo após a libertação, naturalmente está ameaçado por certos perigos psicológicos, justamente por causa da ‘descompressão’ repentina” (Frankl, 2008, p. 116).

“Pessoas com natureza mais primitiva, podia-se observar muitas delas, durante essa fase psicológica, que em sua atitude psíquica continuavam vivendo sob a condição de poder e da violência, só que, uma vez libertas, agora pensavam ser sua vez de usar o poder e a liberdade de forma arbitrária, desenfreada e irrefletida” (Frankl, 2008, p. 116).

“Por exemplo, um companheiro e eu caminhamos retos, cruzando os campos em direção à prisão da qual há pouco fomos libertados; de repente nos vemos diante de uma lavoura recém-germinada. Automaticamente quero desviar dela. Ele, entretanto, me pega pelo braço e me impele reto em frente. Balbucie algo de que não se deve pisar a brotadura. Aí ele se exalta. Com olhar ameaçador grita: “O quê? E o que fizeram conosco? Liquidaram minha mulher e meu filho na câmara de gás – isto, para não falar do resto – e tu queres proibir que eu esmague uns talos de aveia?...” (Frankl, 2008, p. 117).

“Além da deformação que ameaça a pessoa repentinamente liberta da pressão psicológica, ainda existem duas outras experiências fundamentais que podem colocá-la em perigo, prejudicá-la e deformá-la sob o ponto de vista caracterológico. São a amargura e a decepção da pessoa que, livre, volta à sua vida antiga. A amargura...” (Frankl, 2008, p. 117-118).

“De uma forma ou de outra, para cada um dos libertos chegará o dia em que, contemplando em retrospectivo a experiência do campo de concentração, terá uma estranha sensação. Ele mesmo não conseguirá mais entender como foi capaz de suportar tudo aquilo que lhe foi exigido no campo de concentração. E se houve um dia em sua vida em que a liberdade lhe parecia um lindo sonho, virá também o dia em que toda a experiência sofrida (...) lhe parecerá um mero pesadelo. Essa experiência de libertado, porém, é coroada pelo maravilhoso sentimento de que nada mais precisa temer neste mundo depois de tudo o que sofreu – a não ser seu Deus” (Frankl, 2008, p. 119).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Para efeito de clareza e organização dos dados, foram três os eixos temáticos selecionados para a discussão: 1) a liberdade tematizada no aspecto antropológico: a liberdade humana, a liberdade interior e a liberdade espiritual; 2) liberdade vivenciada como um desejo, um sonho, um anseio e as atitudes psicológicas após a fase da libertação do campo e 3) liberdade enquanto atitude e livre decisão.

Discussão

Para efeitos de constatação, ratificação e respaldo aos nossos dados e resultados, o termo liberdade que encontramos treze vezes no texto, foi compatível com os achados realizados por Aquino (2012), que empreendeu busca na mesma obra de Frankl, edição 29ª, com o objetivo de identificar as estruturas lexicais mais significativas, utilizando o “programa computacional ALCESTE (*Analyse de lexèmes cooccurrent dans les énoncés simples d’un texte*), versão 4.7, que se constitui como uma via para uma análise textual, identificando as classes de palavras emergentes de um discurso” (p. 209). Neste trabalho, certificou-se a frequência da palavra liberdade treze vezes. É importante demarcar que o objetivo da pesquisa de Aquino (2012) é diferente dos interesses do presente estudo. O que fizemos foi comparar o resultado da nossa pesquisa com um recorte dos resultados da sua e ressaltar a convergência dos achados.

Liberdade Humana: interior e espiritual.

A liberdade é um tema que interessa para Frankl, pois, no referido livro, foi dedicado um capítulo para tratar esta temática denominado *A Liberdade Interior* (2008, p. 87). As condições de vida nos campos deram a conotação de que a alma humana seria forçosamente condicionada pelo ambiente, ao levar em consideração os estados psicológicos alterados e psicopatológicos em que se transformou o comportamento das pessoas aprisionadas por longo tempo. Então, neste capítulo, o autor apresentou a questão, se não haveria um mínimo de liberdade humana face às condições ambientais (Frankl, 2008).

A primeira vez em que Frankl (2008) se referiu à liberdade espiritual nos seus relatos autobiográficos, ocorreu após uma longa descrição da morte interior pela qual passou o prisioneiro médio no campo de concentração e o estado primitivo em que se encontrava interior e exteriormente. A narrativa

descreve esta liberdade com uma tendência de alguns prisioneiros – nem todos – em buscar vivências no seu próprio interior: “Pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa (...). (...), para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior” (p. 53).

A liberdade espiritual é associada à riqueza interior. Em outra narrativa, Frankl volta a associar liberdade interior do ente espiritual à noção de valor próprio, onde diz: “A pessoa que estiver no campo de concentração e não resistir a essa sugestão com um impulso último do sentimento de valor próprio acaba perdendo a sensação de ser ainda um sujeito, ou se quer um ente espiritual dotado de liberdade interior e valor próprio” (Frankl, 2008, p. 69).

A liberdade espiritual foi compreendida em um âmbito amplo de significados: como um estado de abertura interior às possibilidades de vivências internas, diversas daquelas impostas no campo; uma interioridade, um *lugar* de riqueza; um impulso como uma força última de resistência, uma atitude de autoproteção dos impactos sofridos e o reconhecimento do seu poder de decisão em vista do seu valor próprio.

A liberdade não é uma operação meramente cognitiva, uma atitude condicionada a partir de reflexões puramente racionais, ela radica na dimensão afetiva da pessoa espiritual, como uma força que irrompe na consciência de “experiência vivencial e imediata de si, como ser livre” (Frankl, 2003, p. 123). É uma vontade livre (Frankl, 2003) que se revolta e protesta contra o desespero e o destino trágico aparentemente sem sentido. O grito contra uma vida vivida sem sentido é experiência de liberdade autêntica: “Numa revolta última contra o desespero da morte à tua frente, sentes teu espírito irromper por entre o cinzento que te envolve, e nessa revolta derradeira sentes que teu espírito se alça acima deste mundo, desolado e sem sentido” (Frankl, 2008, p. 58).

Há um relato de Frankl (2008), após a sua recente libertação, que expressa o grito interior engasgado por anos. São suas súplicas incessantes pelo sentido de todo inimaginável sofrimento passado naquele lugar, revela a angústia que o acompanhava e o atormentava interiormente: “olhas ao redor e olhas para o alto – e te prostras de joelhos. (...), Dentro de ti apenas ouves as palavras, e sempre as mesmas palavras: ‘Na angústia gritei para o Senhor, e ele me respondeu no espaço livre” (p. 115). Esta ocasião é daquelas que as forças humanas se veem impotentes ante ao sofrimento e nada podem efetivar para alterar o destino, a não ser assumir, sentir, se consumir e gritar a sua dor. Este é um ponto peculiar da liberdade humana: “o estar sempre *encomendado* a si mesmo” (Frankl, 2003, p. 121), e poder, diante do impossível e do absurdo, não se revoltar ou atentar contra si, mas sustentar a dor.

Para tentar ilustrar a amplitude de significados, o autor traz experiências pessoais referentes à liberdade espiritual, descrevendo-a como uma elevação da alma, uma atitude contemplativa, um salvar-se para além daquela situação. Eis o seu relato: “eleva-se novamente minha alma, salva-se mais uma vez do aquém, da existência provisória, para um além que retoma mais uma vez o diálogo com o ente querido” (2008, p. 56).

Outras características da sua manifestação se dão por meio de um conjunto de operações psicológicas, como as lembranças, os pensamentos, as fantasias, a imaginação, a contemplação e o diálogo interior com a imagem da pessoa amada, que se configuram em vivências autorrealizadoras: “na pior situação exterior que se possa imaginar, (...), a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem espiritual que ela porta dentro de si da pessoa amada” (Frankl, 2008, p. 55).

É um movimento pessoal de distanciamento (FRANKL, 1978) dos efeitos nefastos do ambiente, ou mesmo dos efeitos fisiológicos e psíquicos adversos. O distanciamento oportuniza ao prisioneiro vivenciar experiências completamente diferentes e que ajudam a suportar a condição trágica que lhe abateu. O

distanciamento transforma a vivência da realidade, o evento, a situação, o contexto ou o mundo interior, em objetos dados à consciência humana.

O distanciamento, ou autodistanciamento, é um movimento espiritual que efetua, por assim dizer, um hiato entre o eu e o mundo, o eu espiritual e as dimensões psicofísicas para objetificar o mundo externo e interno. Scheler (2003) descreve com precisão estas duas atitudes peculiares dos modos de ser do espírito, a capacidade de objetivação do mundo e da “*sua própria constituição fisiológica e psíquica*” (p. 39).

Não é sem razão, que Frankl chamou de antagonismo “noopsíquico” (1978, p. 82) a relação entre a dimensão noética e a psicofísica, visto que a dimensão noética ou espiritual pode se opor ou contradizer aos sinais e sintomas suscitados pelo domínio psicofísico. Frankl toma para si as palavras de Ludwig Klages (*apud* Frankl, 1978) ao ver “o espírito como contraditor da alma” (p. 82), para explicar que o espírito humano não se confunde com as características e expressões psicofísicas, mas trata-se de uma dimensão que os transcende e pode lhe auxiliar. Do mesmo modo, Scheler definiu este novo princípio espiritual como “*desprendimento existencial do orgânico, sua separabilidade*” (2003, p. 36). Por sua vez, Frankl (2007) ratifica esta noção de distinção entre o espiritual e o psicofísico e social: “como um âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu*” (p. 19).

Na vivência em meio ao trabalho forçado, abatido pelo cansaço e tomado pelo frio e pela neve, Frankl é absorvido por um diálogo interior com a sua esposa: “mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com a minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo” (2008, p. 55). Este relato demonstra a atitude do autodistanciamento e a possibilidade do antagonismo entre as atitudes espirituais e os domínios psicofísico e social.

Apesar de, no mundo exterior, os meios operacionais do poder reduzirem quase por completo os meios de ações livres dos prisioneiros, todavia, na dimensão interna da pessoa, no campo incondicionado do espírito humano, restou-lhe – e ainda resta ao ser humano – alguns resquícios últimos de liberdade. A liberdade é um domínio interno, constitui à pessoa, pertence-lhe como característica específica e fundamental:

há suficientes exemplos, muitos deles heroicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritabilidade; e continuar existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo nessa situação de coação aparentemente absoluta (Frankl, 2008, p. 88).

A liberdade se apresenta como um meio para superar um estado emocional adverso, ainda que seja tão somente ao se dar o direito de pensar, contemplar, recordar e significar, pois, “a cada dia, a cada hora no campo de concentração, havia milhares de oportunidades de concretizar essa decisão interior, uma decisão contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente” (Frankl, 2008, p. 88).

Em verdade, face às extremidades da vida no campo, estas podem ser assumidas como oportunidades para o cultivo da liberdade do espírito (Frankl, 2008), como na abertura para um diálogo interno e a disposição para amar: “Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada” (Frankl, 2008, p. 55).

Voltemos a um ponto mencionado no início da discussão, no tocante à riqueza interior. O que é isso que se chama riqueza interior, para que uma pessoa possa ir em sua busca e nela se refugiar? Frankl (2008) denomina-as como cultivo de uma vida intelectual e cultural; o refúgio às lembranças de vivências no passado; a arte, a beleza da natureza e o amor à pessoa amada, que no caso do autor, era a sua esposa; que

também podem ser aquelas pessoas que carregamos dentro da gente, onde cultivamos a sua presença pelas recordações, imaginação, afetos, ensinamentos, valores e testemunho de vida inspirador.

Liberdade atitudinal e livre decisão

Foi contra a dignidade e o valor do ser humano que trabalhou o sistema totalitário do campo de concentração, praticando progressivamente violências e expropriações de tudo o que constituiria um lugar de segurança e pertencimento social, existencial e uma identidade pessoal. Frankl relatou a sensação de uma existência desnuda, sem nome, sem identidade, transformada em uma frieza numérica, sendo tratado como quantidade e não na qualidade de ser pessoa. Disse ele: “um fato está claro para todos: para aquele que for salvo dessa maneira, outro terá que entrar na lista. Afinal de contas, o que importa é o número” (2008, p. 17), e mais: “nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua” (Frankl, 2008, p. 30); “desfaz-se assim, uma após outra, qualquer ilusão que alguém do grupo eventualmente ainda estivesse nutrindo” (2008, p. 30), ou ainda: “a pessoa, aos poucos, vai morrendo interiormente” (2008, p. 35).

O ambiente do campo de concentração em tudo apelou para a morte da dignidade da pessoa. Suas estruturas de privação e coação tinham como objetivo a destruição e a renúncia à liberdade humana. De algum modo, estes intentos nefastos foram alcançados, pois havia comportamentos conhecidos entre eles que se manifestavam quando o prisioneiro perdia a “esperança de poder continuar” a viver (Frankl, 2008, p. 19), entregando os pontos ou tornando-se “mero brinquedo e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar” (Frankl, 2008, p. 88). O poder condicionador do ambiente pode interferir na autopercepção e no processo de autoidentificação, causando assim uma distorção interior e a morte, propriamente dita.

Sem a noção de ser livre, o homem seria igualado aos animais, dado meramente ao adestramento, útil para ser-lhes exploradas as suas forças, cobiça nas mãos dos manipuladores. Ser livre é característica intrínseca do ser humano e o que lhe confere dignidade (Frankl, 2021; Frankl, 2008). Para Frankl (2012), a vivência de se sentir livre é uma condição originária e espontânea: “nossa autopercepção nos diz: nós somos livres” (p. 88).

A pessoa espiritual ou a existência espiritual é o centro de onde se origina os atos livres, e o que a diferencia dos demais seres da natureza e a coloca em uma posição peculiar no mundo, um salto acima dos animais. No ser humano há um campo de relação dialética entre *ser* e *ter*. O ser humano é pessoa e *tem* um psicofísico: “a pessoa ‘tem’ um psicofísico, enquanto que ela ‘é’ espiritual” (Frankl, 2007, p. 23). Outra dimensão de tensão dialética que se lhe avizinha, acontece no domínio psicológico, chamado por Frankl (2003) de tensão entre *existência* e *essência*, entre *ser* e *sentido*, *ser* e *dever-ser*. Esta tensão é vista por Frankl como “condição inalienável da saúde anímica” (2003, p. 103). A sua luta no campo de concentração, também pode ser compreendida neste estado de tensão, um trabalho para aproximar ambos os polos, a unidade entre existência e essência, ser e sentido.

Este polo de tensões só se dá em decorrência da liberdade humana, tal coisa não é possível aos animais, vegetais ou às dimensões psicofísicas, se consideradas nada mais que, sob a ótica do reducionismo:

A dinâmica que se estabelece no campo de tensão entre os dois polos do ser e dever-ser denomina-se noodinâmica, em contraposição a toda a psicodinâmica; e distingue-se desta precisamente por entrar nela um elemento de liberdade: em sendo movido por impulsos, sou atraído para os valores, isto é, posso dizer sim ou não a uma exigência dos valores (FRANKL, 2003, p. 103).

Esta é entendida como um estado de angústia (Frankl, 2018). No centro desta tensão – ser e dever-ser – está a margem de liberdade para a livre decisão (Miguez, 2014). Sabe-se que é por via da tomada de decisão que muitos estados de angústias encontram o seu alívio. É na liberdade inerente à vontade que confere condições ao prisioneiro para tomar decisões a favor ou contra as influências ameaçadoras (Frankl, 2008). Ser capaz de tomar decisões também é uma condição que dignifica e valora o ser humano.

Pela liberdade atitudinal Frankl pôde enfrentar as condições dadas, sejam elas psicológicas, fisiológicas ou ambientais, e concluiu que não há privação que tenha força suficiente para destruir a “liberdade última de assumir uma alternativa” (2008, p. 88). Com efeito, uma decisão livre é sobretudo e primeiramente uma decisão tomada sobre si, uma cisão, um rompimento entre um estado atual e o campo de possibilidades de ser, ainda que seja momentâneo e relativo a cada situação.

É a liberdade de pensar o âmbito de compreensão de ser, que se desvela o movimento compreensivo que antecipa para si, os modos de ser do seu ser próprio: a sua identidade, o seu valor e o seu ser livre. É na autocompreensão de ser livre (Frankl, 2012) que se fortalece o discernimento para a tomada de decisão. Segundo Scheler, todo ser vivo possui “*um ser-para-si e um ser íntimo*” (2003, p. 8), do mais ínfimo ao mais elevado estado de atividade espiritual (Scheler, 2003).

Compreendida como liberdade interior, esta pode se manifestar como uma atitude de resistência, sustentado pelo sentimento de dignidade, em defesa de uma causa própria, em um exercício persistente para não se perder de si frente aos tantos estímulos provenientes de um ambiente massivamente destruidor, que, de algum modo ou de outro, tendem à objetificação do ser humano (FRANKL, 2008). É para a liberdade que se apela com a finalidade de mobilizar uma autocompreensão de que o ser humano é um ser que decide a cada instante o que ele é.

Frankl (2008) conta que o martírio é uma forma de manifestação da liberdade interior, uma atitude de não ceder, não negociar ou não negligenciar a sua dignidade mesmo quando vivenciando grandes tormentos e a morte, e, exatamente aí, resguardar a sua dignidade e dignificar o seu sofrimento e a sua morte: “elas provaram que, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano” (p. 89). E disse mais:

ninguém pense que essas reflexões estão distantes da realidade da vida e do mundo. Sem dúvida, poucas e raras são as pessoas capazes e à altura dessa elevada proposta. Pois poucos foram os que no campo de concentração mantiveram sua plena liberdade interior e puderam alçar-se à realização daqueles valores possibilitada pelo sofrimento (FRANKL, 2008, p. 91).

Esse constante voltar para suas vivências interiores, demarca a descoberta de quem se é e da fonte iluminadora do ser humano. Este retorno às coisas mesmas, que antes de tudo, é um retorno a si, se dá sempre e cada vez que o homem é confrontado com a existência, onde não se deixa diminuir para qualquer lugar que não seja a sua posição de autenticidade. E esse movimento interior é o que decide e define quem será o homem no instante seguinte, aquele que sofre as agressões dos *capo* ou os tipos humanos ajustados para se tornarem um *capo*.

Frankl (2008) termina seus relatos testemunhais de forma verdadeiramente livre dos medos ou escrúpulos, ao afirmar, após ter vencido o campo de concentração: “Essa experiência de libertado, porém, é coroada pelo maravilhoso sentimento de que nada mais precisa temer neste mundo depois de tudo o que sofreu – a não ser seu Deus” (p. 119). Se no primeiro capítulo descrevemos os dois modos operacionais do espírito humano: objetivação do mundo externo e da sua dimensão psicofísica, há aqui um outro distintivo, o de sua abertura para um ser que lhe é transcendente, ante o qual ele pode clamar, suplicar, lhe direcionar a fala, comunicar-se e servir.

Liberdade: vivências de desejos, sonhos e anseios

A liberdade foi um desejo perseguido quase que obsessivamente pelos prisioneiros. Um sonho, um pensamento que lhes consumiam interiormente; um acontecimento que ansiavam viver, como descreve Frankl: “Quantas vezes sonhamos que viria este dia em que nos poderíamos movimentar livremente? (...) E como mero sonho se revela pela enésima vez” (2008, p. 114-115). A liberdade é compreendida não mais como uma atitude livre ou uma livre decisão, ela atravessa o domínio psicológico do desejo e da necessidade vital expressa nos sonhos. E que tem os seus riscos, se assumidas somente na dimensão psicológica, desconsiderando a sua raiz espiritual.

O movimento ambivalente entre o desejo e o frustrar levou ainda mais ao desgaste das forças emocionais e das defesas imunológicas do corpo humano, ao ponto de levar a morte quem chegava neste estado. Frankl (2008) relata a história de um prisioneiro que sonhou com o fim da guerra e, por conseguinte, o dia da sua libertação e o fim do seu sofrimento; porém, ao chegar este dia, os ares não apontavam para nenhum final satisfatório da guerra. A profunda decepção que abateu a este companheiro “reduziu drasticamente a capacidade imunológica de seu organismo contra a infecção de tifo exantemático já latente” (p. 100), levou-o à morte dias após a data prevista em sonho para a sua libertação. Tamanho desgaste se deu ao prisioneiro esta existência sem prazo para a libertação, privando-se de tomar decisões e deixando-se, ao encargo do destino, à própria sorte (Frankl, 2008).

Após a libertação os aspectos psicológicos dos recém-libertos são próprios deste momento. Eles não conseguiam sentir ou participar afetivamente da vida livre, devido a despersonalização pela qual passava o prisioneiro no campo: “tudo parecia irreal e improvável. (...), e agora deveríamos acreditar, de uma hora para outra? Agora essa liberdade seria mesmo realidade *verdadeira*?” (Frankl, 2008, p. 114-115), ou ainda, a percepção era como se estivessem vivendo em um sonho: “queremos ver pela primeira vez os arredores dos campos de concentração, ou melhor, vê-los pela primeira vez como pessoas livres. (...). Em tantos anos de sonhos e de saudade, o termo liberdade ficou muito gasto. Seu conceito perdera os contornos” (Frankl, 2008, p. 113-114).

A libertação repentina resguardava atenção e cuidado. O mundo visto desde fora e na condição de recém-liberto causava-lhe impressões irreais. Foi preciso dar os primeiros passos para fora, com dificuldade física de locomoção, com olhares de estranhamento. Lentamente, foi-se capturando o mundo externo e seus detalhes, mas os sentimentos não respondiam àquilo que a visão via. O mundo não lhe impressionava (Frankl, 2021).

A vida no campo foi uma guerra de nervos, foram longos anos de “incrível tensão psicológica” (Frankl, 2008, p. 116). A alma libertada não encontrou a sua paz aspirada subitamente. Despersonalização é o nome dado por Frankl a essa vivência de, por assim dizer, estranhamento do mundo fora do campo, como se não pertencesse àquela nova realidade.

Há uma sensação de falsificação do real. À medida que adentram na verdade de suas libertações, vão repetindo, como numa tentativa de internalização ou de apropriação da nova condição de vida: “Para a liberdade, vamos dizendo, e o repetimos várias vezes em pensamentos; mas simplesmente não se consegue apreendê-lo” (2008, p. 113-114).

Determinados tipos de personalidade sentem ainda viver sob a opressão do poder e da violência: “sempre havia três silvos estridentes ferindo o ouvido, dando o comando de ‘levanta’” (Frankl, 2008, p. 114-115). O estado emocional de irritabilidade e apatia não desaparecem no mesmo instante em que se

abrem os portões para a liberdade. A libertação externa não quer dizer a libertação interna, há os empecilhos psicológicos que são verdadeiros perigos aos recém-libertos.

O sentimento de revolta, a apatia e a irritabilidade configuram os modos de ser alterados no mundo, em decorrência do percurso regressivo da personalidade até a natureza primitiva: “em sua atitude psíquica continuavam vivendo sob a condição de poder e da violência, só que, uma vez libertadas, agora pensavam ser sua vez de usar o poder e a liberdade de forma arbitrária, desenfreada e irrefletida” (Frankl, 2008, p. 116). A descrição destes estados emocionais desvela os condicionamentos e alterações da personalidade pelos quais passaram as pessoas, sem uma cuidadosa autopercepção e autodistanciamento, o indivíduo tenderia a agir sob a influência desse estado alterado.

Na perspectiva de Frankl, liberdade é pensada juntamente com os fatores condicionantes e determinantes. Sendo eles: os limites, as forças decadentes e condicionantes, assim como, a participação da consciência e da responsabilidade. A liberdade não está livre das condições humanas: a cultura, a política, o sofrimento, o destino e o social. Ser livre não é ceder ao livre fluxo dos desejos, dos impulsos ou da vontade: “o homem é um ser que também sempre pode dizer não às pulsões e que não precisa, de modo algum, dizer sempre sim e amém a elas” (Frankl, 2012, p. 90).

É preciso um autoconhecimento para distinguir as gradações das forças humanas, pois elas podem partir de múltiplas dimensões, dos centros vitais ou anímicos (Scheler, 2003): os impulsos afetivos, os instintos, os sentimentos afetivos psicológicos próprios do eu; ou da pessoa espiritual: “a bondade, o amor, o remorso, a veneração, a ferida espiritual, a bem-aventurança e o desespero, a decisão livre” (Scheler, 2003, p. 35). Frankl (2012) descreve três instâncias perante as quais a liberdade é exercida e sobre as quais a atitude pessoal pode transcender: “1. perante as pulsões, 2. perante a herança, 3. perante o mundo circundante” (p. 89), isso porque o homem “vive em três dimensões: a somática, a mental e a espiritual” (Frankl, 2021).

Os perigos relatados na atitude psíquica dos recém-libertos estão voltados para o fato de certas personalidades estarem absorvidas pelos condicionantes submetidos por tanto tempo, atuando pelo sentimento de revolta, injustiça, raiva, apatia e indiferença. Frankl relata uma experiência que viveu junto com um companheiro que bem ilustra esse perigo. Eles caminhavam entre os campos floridos fora do campo, Frankl fez um movimento para desviar de uma lavoura recém-germinada de aveias, com a qual se deparou. O seu companheiro se comportou de modo diferente e o impeliu de juntos, passarem por cima da lavoura, e Frankl lhe confidenciou: “Balbucie algo de que não deve pisar a brotadura. Aí ele se exalta. Com olhar amargurado grita: ‘O quê? E o que fizeram conosco? Liquidaram minha mulher e meu filho na câmara de gás – isto, para não falar do resto – e tu queres proibir que eu esmague uns talos de aveia?’” (2008, p. 117).

Ao longo das suas vivências no campo, deve-se ressaltar a postura compreensiva de Frankl com os comportamentos humanos, os mais diversos, abstendo-se ao julgamento. Os riscos apresentados por atitudes psicológicas iguais às encontradas nessa narrativa, implicam na possibilidade de os recém-libertos agirem de forma atroz e violenta, em decorrência da deformação psicológica que desfigurou os modos saudáveis de ser. E deve-se levar em consideração a possibilidade real de se fazer atrocidades. Frankl traz outra fala deste companheiro nesse sentido: “Podem decepar esta mão se eu não manchar de sangue no dia em que chegar em casa!...” (2008, p. 117).

Para Frankl (2003), a dimensão psicológica não é livre por si mesma, ela é uma disposição condicionante e condicionável. O resgate de si é um trabalho a ser empregado, pois liberdade de decisão pode ser tão abrangente ao ponto de voltar-se contra si própria e “aniquilar-se” (Frankl, 2003, p. 123), utilizando-se do seu poder de decisão de modo negativo (Frankl, 2003).

Sofrer injustiça não é uma matemática exata para se praticar injustiça. Não deveria ser uma relação de causa e efeito. Faz-se necessário uma postura compreensiva e verdadeiramente questionar, se: estando em condições iguais, agiria diferente? Quer dizer, enquanto possibilidade, agir no modo deformado da existência é plenamente possível, mas não é uma sentença inquestionável, ou uma verdade que simplesmente se assume. Tem uma perspicaz sutileza no liberar-se ou no opor-se frente ao que se decide ser: “no homem, não há nenhuma pulsão sem liberdade e nenhuma liberdade sem pulsão. (...) Toda pulsionalidade sempre passou também como que por uma zona de liberdade antes de se tornar efetivamente manifesta” (Frankl, 2012, p. 91).

Frankl sentencia, ao fim e ao cabo, o que determinaria os modos de ser do prisioneiro nos campos, a preservação da sua personalidade ou a sua deformação, inevitavelmente, passaria pela decisão livre: “a razão última para a deformação da realidade vital interior da pessoa no campo de concentração não está nas causas psicofísicas enumeradas, no fato de se originar, em última análise, numa livre decisão” (2008, p. 93). Não é, precisamente, o que ocorre ao ser humano desde fora ou de dentro, mas o posicionamento – a livre decisão que deriva da dimensão elevada e transcendente da pessoa espiritual – a chave de leitura para uma mudança comportamental.

Conclusão

De algum modo, toda a vida no campo de concentração, apesar da deformação da personalidade pela qual passaram os que lá viveram, tem a liberdade humana, espiritual ou de decisão como a chave de leitura para compreender o que se sucedeu como atitude e comportamento humano. A constituição de ser livre, como ressaltado por Frankl, apareceu de modo grandiloquente, como atos heroicos somente em raras vezes, ao passo que os relatos do autor se ocuparam de contar os atos diários e ordinários das decisões tomadas no cotidiano.

Cumprе ressaltar, que a liberdade humana também se mostrou limitada, no que lhe compete como uma força de ação, mas enquanto refúgio interior, na forma de pensamento, imaginação, recordação, diálogo interior, reflexão e súplicas a Deus, encontrou uma abrangência não dimensionável. Portanto, uma liberdade condicionada, mas não completamente determinada e relegada ao seu desaparecimento.

A liberdade reluz sempre em cada situação como disposição humana. Entregar ou não os pontos, deixar-se ou não se submeter aos condicionamentos, ir ou não para o fio, destruir ou não a plantação de aveias, deixar-se consumir pela apatia e irritabilidade ou não, trocar os cigarros por alimentos ou consumi-los, devorar uma lasca de pão em uma só vez ou guardá-lo para um momento extremo que lhe sirva de consolo, servir ou não a sopa de forma igualitária e justa, oferecer-se ou não no lugar de alguém, proteger ou não um prisioneiro dos açoites que poderiam levá-lo à morte. Cada decisão, atitude mental ou comportamental dependerá da liberdade que o prisioneiro tomou em cada confronto com a realidade e sua necessidade.

Por ser um estudo limitado em uma única obra, é oportuno, em pesquisas futuras, incluir como fontes de análise outros livros e capítulos de livros, onde Frankl narra a sua experiência nos campos de concentração, que também foram escritos em tempos cronológicos diferentes para sondar se há algo de novo ou diferente, talvez, em sua forma de narrar ou dados acrescentados. Seria oportuno também considerar a possibilidade de realizar a mesma pesquisa no texto original de língua alemã, sem o véu da tradução.

Nos campos de concentração a liberdade não foi eliminada ou destruída, mas posta de maneira visceral a questão da sua possibilidade, todavia, pelos relatos testemunhais de Frankl, ela foi validada e elevada ao estatuto de dignidade humana.

Referência

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. Análise da narrativa de Viktor Frankl acerca da experiência dos prisioneiros nos campos de concentração. **Revista da abordagem gestáltica**. Goiânia, v. 18, n. 2, p. 206-215, dez. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jan. 2026.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. DeCS – Descritores em Ciências da Saúde. São Paulo, 2026. Disponível em: https://decs.bvsalud.org/ths?filter=ths_termall&q=liberdade. Acesso em: 20 jan. 2026.

BELLO, Suzelei Faria; PIZZANI, Luciana; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Descritores e suas interações: Fonoaudiologia e Educação Especial. **Distúrb Comun**, São Paulo, v. 22, n.2, p. 149-157, agosto, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/7138/5153>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BREGALDA, Regiano. Narrativa e formação humana: uma abordagem a partir do pensamento Paul Ricœur. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 36, n. 77, p. 659–684, 2022. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v36n77a2022-64147. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/64147>. Acesso em: 17 jan. 2026.

COSENTINO, Milena Callegari; MASSIMI, Marina. A experiência de autores judeus da psicologia sobreviventes do holocausto. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1046-1062, 2012. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n3/v12n3a20.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2026

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Norte, v. 7, n. 2, pp. 371-378, julho-dezembro, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26170218>. Acesso em: 17 jan. 2026.

FRANKL, Viktor Emil. **A falta de sentido: um desafio para a psicoterapia e a filosofia**. 1ª ed. Campinas, SP: Editora Auster, 2021.

_____, Viktor Emil. **Chegará o dia em que serás livre**. São Paulo: Quadrante Editora, 2021.

_____, Viktor Emil. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. 3ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____, Viktor Emil. Compendio de Análise Existencial e Logoterapia (1959). In: **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____, Viktor Emil. **O que não está escrito nos meus livros**. São Paulo: É Realizações. 2010.

_____, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 25ª. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. 4ª ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

_____, Viktor Emil. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

MIGUEZ, Eloisa Marques. **Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl**. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

REISDOEFER, Deise Nivia; DO ROSÁRIO LIMA, Valderez Marina. A pesquisa narrativa como possibilidade metodológica no âmbito da formação docente. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, n. 69, maio, 2021. DOI: 10.7213/1981-416X.21.069.AO01. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/26806>. Acesso em: 17 jan. 2026.

SCHELER, Max. **A posição do homem no cosmo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.